SANTOS, Juliana. A poesia-prece de Augusto Frederico Schmidt. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, v. 2, n.º 35, Dezembro de 2007. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/cadernosdoil/>

A POESIA-PRECE DE AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

Juliana Santos*

RESUMO: *Este trabalho é fruto de pesquisa realizada em 2004 junto ao projeto "A poesia metafísica no Brasil: percursos e modulações", coordenado pela Profa. Dra. Ana Maria Lisboa de Mello e com o apoio do CNPq. O estudo foi desenvolvido a partir do levantamento e leitura da obra e da fortuna crítica de Augusto Frederico Schmidt, e tendo como base os fundamentos teóricos sobre a lírica, a metafísica e o imaginário. O ensaio apresenta algumas características da poesia de Schmidt, como o questionamento metafísico marcadamente religioso e a aproximação com o discurso bíblico e com a produção de poetas católicos franceses, focalizando sobretudo o caráter de oração que assumem alguns de seus poemas.*

PALAVRAS-CHAVE: *Augusto Frederico Schmidt – Lírica moderna – Religiosidade*

ABSTRACT: *This paper is a result of research carried out during 2004 within the project "Metaphysical poetry in Brazil: routes and modulations", supervised by Professor Ana Maria Lisboa de Mello, Ph.D., and financed by CNPq. The research involved a survey and reading of works and critical reception of Augusto Frederico Schmidt based on the theoretical frameworks of lyrics, metaphysics, and imagery. This essay presents some characteristics of Schmidt's poetry, such as the markedly religious metaphysical questioning and the approximation with biblical discourse and the works of French catholic poets, focusing specially on the prayer-like character of some of his poems.*

KEYWORDS: *Augusto Frederico Schmidt – Modern lyrics – Religiousness*

A poesia metafísica produzida no Brasil no período de 1870 a 1950 e que se concentra na obra de autores como Cruz e Sousa, Alphonsus de Guimaraens, Eduardo Guimarães, Alceu Wamosy, Augusto dos Anjos, Cecília Meireles, Jorge de Lima, Murilo Mendes, Vinicius de Moraes (1ª fase) e Augusto Frederico Schmidt, por tratar de temas mais universais e menos nacionalistas e, em alguns casos, tratar-se de uma poesia mais obscura, menos acessível, pouca atenção da crítica tem recebido. Supõe-se que esse hermetismo e, talvez, o teor religioso de que seguidamente se reveste essa lírica façam com que tenha recebido pouca atenção dos críticos literários, mais preocupados com a literatura que tematiza explicitamente questões e impasses da sociedade brasileira. Dessa forma, este ensaio tem como propósito lançar luz sobre a poesia de Augusto Frederico Schmidt e de reaproximá-la do público leitor.

* Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e mestre em Literatura Brasileira pela mesma instituição, dinamene@terra.com.br.

Schmidt, hoje pouco discutido e estudado, já de início revela uma biografia extremamente interessante: um homem que se acreditava incapaz para os estudos e que abandonou a escola antes de terminar o secundário; de descendência judaica, sofreu perseguições em sua infância quando viveu na Suíça; ficou órfão aos 16 anos e assim iniciou uma vida de trabalho intenso como vendedor, caixeiro-viajante e empregado de serraria; mais tarde, tornou-se o dono de uma das mais importantes editoras da época, tendo lançado autores que hoje são referência nacional como Graciliano Ramos, Vinicius de Moraes e Lúcio Cardoso; além disso, colaborou em jornais como o Correio da Manhã e O Globo; atuou como administrador de empresas e, finalmente, atuou na vida política do país, tendo sido embaixador e conselheiro financeiro no governo de Juscelino Kubitschek. Os próprios amigos de Augusto Frederico ficavam perplexos diante de sua personalidade ambígua, complexa em que conviviam o homem de negócios, da vida prática e o homem de um lirismo inesgotável, que transformava incansavelmente a sua sensibilidade em poemas, nos mais de 700 que escreveu[1].

Mesmo a leitura breve de alguns poemas de Schmidt já nos revela um estilo e um ritmo bastante característicos de sua lírica: um tom declamatório, beirando o profético, com um ritmo por vezes lento e envolvente, marcado pelo uso recorrente do recurso da repetição, repetição (sons semelhantes) tanto no plano dos temas e das imagens-símbolos quanto no plano estrutural do poema repetindo sons, palavras e frases. Schmidt parece procurar na dimensão da linguagem, da palavra poética um contato com o plano divino, e fazer ressoar, em alguns momentos, em sua voz a Voz Dele, a Voz de Deus. Tal procedimento nos remete ao *verset* de Paul Claudel, que se baseia na noção de que há uma ligação recíproca entre a libertação da linguagem e a libertação do espírito e que procura, através do ritmo natural da respiração humana, atingir um ritmo vital, cósmico. Daí resulta que o verso não poderá se render a limitações impostas de métrica e de rima, por quebrarem sua fluidez natural e vivacidade, feitas de uma harmonia sutil. Esse verso estaria fundamentado em um ritmo iâmbico, considerado como o ritmo do mundo, numa concepção de poesia espontânea, sem artificialismos, em que elementos rítmicos e sonoros como a rima, a repetição ou a assonância surgiriam naturalmente, impostos pela natureza e pelo espírito (cf. LECHERBONNIER et al., 1994, p. 144-160).

Alfredo Bosi (1994, p. 457) vai assinalar essa influência de Claudel na poesia de Schmidt e vai citar ainda mais dois poetas católicos franceses que o influenciaram: Charles Péguy, principalmente, e La Tour du Pin.

O poeta Charles Péguy é considerado por alguns críticos como a principal influência na produção poética de Augusto Frederico. Jon Tolman, crítico norte-americano, estabelece uma comparação biográfica e estilística entre esses dois poetas. Ele afirma que Péguy, assim como Schmidt, acredita na inspiração como essência da poesia e escreve em jatos de atividade, sem a preocupação de reelaborar o já escrito (1976, p. 35). O crítico aponta ainda o uso repetitivo de palavras e frases no interior do poema, a presença da rima interna e das aliterações, além do constante diálogo com Deus.

A semelhança mais relevante na aproximação que se faz entre esses dois poetas: o estilo bíblico, baseado num esquema elaborado de repetições e estruturas paralelas.

[1] As informações sobre a biografia do poeta foram extraídas principalmente das obras de Schmidt (1995), Tolman (1976) e Schmidt (1975). As referências completas encontram-se ao final do artigo.

Segundo Tolman, o que caracteriza o estilo da Bíblia é a relativa predominância de formas paralelas (ibid., p. 46) e ele cita como exemplo o trecho abaixo:

> E disse Deus: Faça-se a luz; e fez-se a luz.
> E Deus viu que a luz era boa; e dividiu a luz das trevas.
> E chamou à luz dia, e às trevas noite; e da tarde e da manhã se fez o primeiro dia.
> (Gênese 1: 3-5)

Tanto nos versos de Schmidt como nos de Péguy, observa-se a predominância de estruturas paralelas, tanto binária quanto terciária, como podemos verificar nos exemplos abaixo[2]. No entanto, enquanto em Péguy encontramos com maior freqüência a estrutura terciária, em Schmidt se destaca a estrutura binária:

> Vive e palpita,/ sente e sofre (SCHMIDT, p. 40)
> Carnal, espiritual/ temporal, eterno [3] (PÉGUY, p. 43)

> Amanhece./ Amanhece devagar./ Chuvoso o céu (SCHMIDT, p. 41)
> Tu que apaziguas,/ tu que embalsamas,/ tu que consolas. [4] (PÉGUY, p. 43)

Além disso, outros recursos que caracterizam o estilo bíblico, e que encontramos nos dois poetas, são a exergasia, ou seja, o uso sistemático de estruturas sinonímicas, e a redundância (TOLMAN, 1976, p. 47-51). A seguir, nos versos de Schmidt, podemos verificar esse procedimento, comum a ambos os poetas, de combinar estruturas sinonímicas, tanto dentro de um mesmo verso, quanto em um dístico:

> Esta iluminação súbita, esta lúcida visão (SCHMIDT, p. 51)

> A glória há muito perseguida,
> A glória sempre ambicionada (SCHMIDT, p. 54)

Alfredo Bosi indica ainda mais um poeta católico francês a exercer influência sobre a obra de Schmidt: Patrice de La Tour du Pin. No entanto, é importante destacar que o poeta francês fez sua primeira publicação em 1933, quando Schmidt já havia publicado cinco livros e já apresentava o estilo poético que perdurou até o final de sua produção. Dessa forma, a proximidade destas duas produções líricas não apresenta a mesma relevância do que a relação que se estabelece com as obras de Claudel e Péguy.

A poesia de Augusto Frederico é caracterizada por uma metafísica predominantemente religiosa. Além da estreita relação que pudemos observar entre a poesia

---

[2] Os exemplos ilustrativos da aproximação estilística entre Schmidt e Péguy foram extraídos de TOLMAN, Jon M. *Augusto Frederico Schmidt:* estudo crítico. Tradução de Laís Corrêa de Araújo. São Paulo: Quíron; Brasília: INL, 1976. Nesta seção do ensaio serão indicados somente o poeta e a página referente à edição de Tolman.

[3] Tradução nossa. No original: Charnelle, spirituelle/ Temporelle, éternelle (PÉGUY apud TOLMAN, 1976, p. 43).

[4] Tradução nossa. No original: Toi qui apaises,/ toi qui embaumes,/ toi qui consoles. (PÉGUY apud TOLMAN, 1976, p. 43).

de Schmidt e a dos católicos franceses, podemos destacar ainda o uso que ele faz em seus poemas de muitas expressões do discurso católico como "mansas ovelhas do Senhor", "Cruz de Cristo", "intercede por nós", entre outras; o procedimento de retratar, em alguns poemas, episódios bíblicos como a morte e a ressurreição de Jesus ou a história do filho pródigo; a invocação à Deus ou ao Senhor em grande parte de sua obra lírica; além da construção de um ritmo declamatório, profético, ao qual já fizemos referência.

O tema desse artigo, poesia-prece, decorre então do número expressivo de poemas no conjunto da obra de Schmidt que funcionam como oração e que apresentam as características descritas. A seguir, nos trechos do poema intitulado "O Calvário", podemos visualizar o momento da crucificação de Jesus. Note o uso da repetição, o tom de prece e as imagens piedosas que parecem mesmo querer assumir o papel de oração e provocar um misto de arrependimento e de prazer estético:

> O Calvário
>
> Felizes sejam os caminhos onde os Seus Pés Pisaram,
> E felizes as árvores em que os Seus Doces Olhos Repousaram.
> Felizes as nuvens do Céu, efêmeras e leves.
> Felizes as almas que ainda não nasceram.
> Feliz tudo o que está inocente
> Do crime que estão cometendo hoje e ontem
> – Do crime de fazê-Lo Caminhar ao peso do Madeiro.
> [...]
> Felizes os que ignoravam as Suas Palavras
> E não sabiam que Ele Tinha Chegado.
> Felizes os que não participaram do crime,
> Porque sobre estes permanecerão as chagas,
> Porque sobre estes, até o fim dos tempos,
> Estará Fixado o Seu Olhar sem culpa e sem ódio! (SCHMIDT, 1995, p. 221)[5]

Além disso, Augusto Frederico produziu muitos poemas com um tom confessional em que o eu-lírico dirige-se ao Senhor para pedir-lhe que o leve, pois não pertence a esse mundo e a sua partida será a sua libertação. Observemos esta característica nos versos a seguir:

> Libertação
>
> Abandonaria os meus tristes e inúteis livros,
> Abandonaria o meu quarto,
> Abandonaria a minha casa,
> [...]
> Deixaria tudo, até os meus sentimentos,
> Até as minhas saudades.
>
> Como uma grande criança eu te seguiria, Senhor.

[5] Todos os poemas de Schmidt foram extraídos da obra SCHMIDT, Augusto Frederico. *Poesia completa:* 1928-1965. Rio de Janeiro: Topbooks, Faculdade da Cidade, 1995. A partir daqui, serão referidas apenas as páginas.

Eu iria contigo, se te lembrasses de passar ao alcance dos meus olhos.
Iria contigo para outros países.
Iria contigo para outros contatos.
Porque as raízes que me prendem aqui não são fundas,
Sou como o arbusto tenro que o vento arranca do seio da terra.

Eu iria contigo, Senhor!
E minha partida seria uma infinita libertação.
[...]
E seria uma grande libertação, porque a consciência
Da inutilidade de tudo há muito habita o meu coração! (p. 106-107)

O poema seguinte vai desenvolver a idéia de uma voz que ressoa no interior do eu-lírico e que serve de consolo para a sua dor. No entanto, essa voz parece ter origem em Deus, na fé que habita o seu coração, e ela vai ser o caminho de salvação. Além disso, há um verso – "voz do meu coração que me escorre da pena" – sugerindo que a sua poesia pode também levar o consolo, o conforto da palavra de Deus:

Oração

Que não se cale nunca a voz que veio
Sempre comigo.
A voz que foi na vida,
Na minha vida sempre triste e incerta,
O consolo, o conforto, o único bálsamo.
[...]
Que não se cale a voz que de mim veio,
Mas que minha não é, sendo nobre e sentida.
Voz do meu coração que me escorre da pena.
[...]
Que não se cale a voz que me livra do exílio,
Que dá forma ao meu pranto
E desoprime o peito meu de saudades eternas –
E de dores eternas sem remédio.
[...]
Que não se cale a voz que sou eu, melhorado.
A voz que Deus me deu! (p. 93-94)

A idéia de poesia enquanto forma de oração torna-se bastante clara ao nos depararmos com o final de mais um dos longos poemas de Schmidt – "Ladainha do Mar". O desejo de superar o medo e a própria morte se enlaça ao trecho inicial da oração "Salve Rainha":

Ladainha do mar

[...]
Salve Senhora do Mar,
Salve Maria
Na proa iluminando
A inquieta viagem,
Salvando do naufrágio

As almas débeis.

Salve Rainha,
Mãe de misericórdia.
Na noite enorme
Única esperança nossa
- Salve! (p. 443)

O próximo poema, que funciona como uma oração implícita, serve para ilustrar os raros momentos em que o eu-lírico parece encontrar sentido em sua existência. Os versos sugerem um agradecimento por tudo o que há na natureza, pelo sopro de vida que o eu-lírico sente vibrar ao integrar-se ao mundo natural, que é como um encontro com o plano divino. O poema faz lembrar as palavras de Mário de Andrade ao se referir à obra de Schmidt: "esse profundo, intenso, vibrantíssimo estado de poesia é a qualidade especial, o valor mais admirável dos seus livros" (1943, p. 144):

Poema

Quantos ninhos nas árvores,
Quantas flores!
A leve, a clara, a doce alegria da primavera
Sufoca as últimas resistências,
As últimas seduções da morte,
Os últimos convites à tristeza e ao desalento.

Sinto a tua presença nas coisas,
Sinto o teu olhar sobre o tempo,
O teu olhar viajando pelo céu lúcido,
Acariciando as árvores,
Transformando o mundo,
Fazendo o mundo à tua imagem.

Sinto que és a primavera.
Estão nascendo flores inesperadas,
As árvores ficaram cheias de ninhos,
Tudo porque despertaste para o meu conhecimento

E a tua música,
A tua luz,
E os teus cabelos,
Me foram de repente revelados! (p. 338)

Alguns poemas de Schmidt chamam a atenção pelo confronto à crença religiosa ao tratar do tema da morte, seja por duvidarem ou mesmo negarem a idéia de "encontro com Deus" ou "descanso eterno", seja por ver a morte enquanto um fim em si mesma, uma simples anulação do ser, um sono profundo. Nos versos abaixo, podemos perceber o diálogo que o eu-lírico trava com Deus a respeito da morte e apresenta a sua angústia, a sua incerteza diante do momento derradeiro:

Pensamento Noturno

Noite simples, noite humilde, noite de pequena cidade.
Como pacificas minha pobre alma cansada e meu pobre espírito!
[...]
Meu Deus, a tua noite será assim tranqüila e escura,
Como esta noite cheia de paz e de esquecimento?
Será simples – e para dormir apenas – a tua noite ó meu Deus?

Ou ficaremos nela, acordados, ouvindo gritos no escuro,
Sentindo os grandes frios, e vendo as terríveis luzes que te cercam?
Dizei-nos, Senhor: a tua noite é para dormir profundamente, como esta noite? (p. 246-247)

No poema a seguir, também podemos perceber as tintas negras e o toque trágico com que Schmidt pinta a imagem da morte, contrastando imensamente com a visão redentora e iluminada, pregada pelo catolicismo:

Poema

Era um grande pássaro. As asas estavam em cruz, abertas para os céus.
A morte, súbita, o teria precipitado nas areias molhadas.
Estaria de viagem, em demanda de outros céus mais frios!
Era um grande pássaro, que a morte asperamente dominara.
Era um grande e escuro pássaro, que o gelado e repentino vento sufocara.
Chovia na hora em que o contemplei.
Era alguma coisa de trágico,
Tão escuro, e tão misterioso, naquele ermo.
Era alguma coisa de trágico. As asas, que os azuis queimaram,
Pareciam uma cruz aberta no úmido areal.
O grande bico aberto guardava um grito perdido e terrível. (p. 191)

O próximo trecho selecionado vem apresentar a concepção de morte enquanto aniquilamento, enquanto desejo de simplesmente deixar de ser, deixar de existir, não-ser. Essa qualidade nos mostra que as indagações metafísicas de Augusto Frederico algumas vezes seguem por um caminho mais filosófico, discutindo a questão da finitude sob uma ótica menos religiosa:

Poema de finados

[...]
Ai de mim! Ai de mim!
Poesia triste dos que se foram,
Dos que jamais hão de voltar.
[...]
Desejo de morrer também,
Desejo absurdo e enorme de não ser –
Ah! Poder dormir enfim
No frio ventre da mãe terra,
Tal como minha mãe dorme também!
Poder fugir enfim do mundo,
Poder fugir da vida feia e vã,

Fugir de todas as complicações inglórias deste mundo
E estar só – Santo Deus – e estar só para o sempre!
[...] (p. 76-77)

A partir da expressão "Santo Deus", notamos um sutil retorno ao diálogo com Deus, mas que, no contexto deste poema, assemelha-se mais com a expressão de um desabafo por parte do eu-lírico do que propriamente o diálogo que se estabelece em outros versos.

Com estes três últimos poemas, "Pensamento noturno", "Poema" e "Poema de finados", quisemos demonstrar que Schmidt também põe em dúvida e mesmo nega a idéia de redenção, de encontro com Deus ao tratar de questões relativas à morte e ao incognoscível. O caráter religioso de sua poesia não se coloca de forma alguma como limitador ou doutrinário, e sim como caminho de reflexão e de prazer estético.

A partir dos poemas selecionados, é possível perceber o quanto Schmidt valoriza a musicalidade, a qualidade de Canto e mesmo de oração que a poesia pode assumir. Além disso, percebe-se que o poeta elege o que há de mais simples e universal como meio de expressão. Em suas primeiras obras, *Canto do Brasileiro* e *Cantos do Liberto*, o poeta vai assinalar essa intenção de cantar o universal, e não o estritamente nacional, idealizado pelo modernismo, e vai promover o simples, o essencial como matéria poética. Vejamos os versos abaixo:

Canto do Brasileiro

[...]
Não quero mais o Brasil
Não quero mais geografia
Nem pitoresco.

Quero é perder-me no mundo
Para fugir do mundo.
[...] (p. 45)

Canto II (de *Cantos do Liberto*)

[...]
Não quero mais palavras falsas
Não quero mais amores falsos
Não quero mais inteligências falsas
Nem falsas construções.

Não quero mais obscuridades
Nem mais mistério sem mistério algum.

Quero ouvir do meu Deus a voz bondosa
Na voz das coisas da inocência.
Quero a paz de consciência!

Longe de mim desânimos tremendos
Longe de mim descrenças infelizes.

Simplicidade!
Simplicidade apenas. Nada mais!
[...] (p. 60)

A partir desse ideal, o poeta vai utilizar imagens como o mar, a noite, o pássaro, a flor e outros tantos elementos naturais como recurso poético para tratar das questões mais universais e complexas do ser humano, como a solidão, o amor, a angústia, o mistério ou a iminência da morte. Esses temas, apontados pelos críticos como os mais característicos da lírica schmidtiana, podem ser percebidos nos próprios títulos de suas obras: *Navio Perdido*, *Pássaro Cego* e *Estrela Solitária* indicam o sentimento de deslocamento e de desarmonia com o mundo; *Mar Desconhecido* e *Fonte Invisível* referem-se ao mistério que habita o mundo interior e profundo do poeta e também ao universo transcendente e incognoscível; *Desaparição da Amada* nos mostra o amor sempre inacessível cantado por Schmidt.

Todos esses temas que compõem o universo poético de Augusto Frederico acabam constituindo aquele que considero o grande tema de sua lírica: o tema da morte. Schmidt vai representá-la sob diversas imagens-simbólicas como o mar imenso, o sono, o mistério, as terras vagas, a noite enorme... A morte será então a fonte de toda a sua busca, de todo o seu fervor poético e vai deixar marcas espalhadas por toda a sua lírica.

Augusto Frederico faz, no decorrer de sua obra, diversas perquirições, aproximações do problema da morte e sugere, em alguns momentos, a fé, a busca de Deus como forma de salvação ou de atenuação do sofrimento. No entanto, a própria impossibilidade de "crer longamente"[6], expressa por vezes pelo eu-lírico, e a insolubilidade do mistério da morte fazem com que não se chegue a uma resolução final para esse impasse. O viés religioso adotado pelo poeta segue então apenas como meio de promover ao leitor a reflexão e o encontro com suas questões mais íntimas e pungentes.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. *Aspectos da Literatura Brasileira*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1943, p. 27-45/141-171/186-195.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 41a ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

LECHERBONNIER, Bernard; BRUNEL, Pierre; RINCE, Dominique; MOATTI, Christiane. *Littérature – textes et documents. XXe. Siècle*. Collection dirigée par Hemri Mitterand; avec la collaboration de Olivier Barabarant...[et al.]. Paris: Nathan, 1994.

SCHMIDT, Augusto Frederico. *Poesia completa:* 1928-1965. Introdução de Gilberto Mendonça Teles. Rio de Janeiro: Topbooks; Faculdade da Cidade, 1995.

_____. *Eu te direi as grandes palavras:* poemas escolhidos e versos inéditos. Organizado por Alphonsus de Guimaraens Filho. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1975.

TOLMAN, Jon M.. *Augusto Frederico Schmidt:* estudo crítico. Tradução de Laís Corrêa de Araújo. São Paulo: Quíron; Brasília: INL, 1976.

[6] Expressão retirada do poema "Visita à casa materna" (p. 531).